



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAIS E PUBLICIDADE

LARISSA EMANUELLE NASCIMENTO DA COSTA

MUITO ALÉM DA ESTÉTICA

Brasília

2019

LARISSA EMANUELLE NASCIMENTO DA COSTA

MUITO ALÉM DA ESTÉTICA

uma análise de conteúdo do vídeo *Estética é menos importante?* do canal DePretas por Gabi Oliveira na plataforma Youtube

Monografia apresentada ao curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela em Comunicação Social, sob orientação da Profª Drª Dione Oliveira Moura.

Brasília

2019

LARISSA EMANUELLE NASCIMENTO DA COSTA

MUITO ALÉM DA ESTÉTICA

uma análise de conteúdo do vídeo *Estética é menos importante?* do canal DePretas
por Gabi Oliveira na plataforma Youtube

Monografia apresentada ao curso de Publicidade e Propaganda da
Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito
parcial para obtenção do grau de Bacharela em Comunicação Social,
sob orientação da Prof^a Dr^a Dione Oliveira Moura.

BANCA EXAMINADORA

_____/_____/_____

Prof.^a Dr.^a Dione Oliveira Moura (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Ellis Regina Araújo da Silva

Prof.^a .M^a. Sandra Mara Tabosa de Oliveira

Prof.^a Dr.^a Elen Cristina Geraldês (Suplente)

Brasília

2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço antes de tudo à minha mãe Tereza, que sempre apoiou as minhas decisões e me incentivou em todos os momentos da minha vida até agora. A minha irmã Dandara que desde criança comprava minhas brigas e me defendia e em meio a várias mudanças me incentivou a não desistir.

Aos amigos e amigas feitos nesses anos de UnB, que me apoiaram e compartilharam alegrias, tristezas e incertezas que não foram poucas. Aos amigos que entenderam os meus momentos quando dizia “amades, não posso sair hoje tenho um tcc pra terminar...” E aos que em momentos de crises de desespero me deram colo e me fizeram rir. Obrigada por todas as festas e descobertas nessa longa caminhada.

A minha orientadora Dione Moura pela paciência durante esse a construção desse trabalho, além de me apresentar ao grupo de estudos em que pude compartilhar as minhas aflições com as meninas presente e sempre saia mais calma. Sem a luz que elas me deram durante as sextas-feiras deste segundo semestre de 2019 este trabalho provavelmente não seria concluído.

Aos meus guias e orixás que aguentaram muitas lágrimas e desabafos ao longo deste processo de elaboração e investigação. Então como não agradecer a mim, que em momentos de angústias busquei ajuda para conseguir progredir e concluir este trabalho. Agradeço também às professoras Ellis Regina e Sandra Tabosa que aceitaram participar do fechamento desse ciclo.

Agradeço a Universidade de Brasília e a Faculdade de Comunicação (FaC) que me proporcionaram momentos de descobertas ao longo da graduação.

Por fim agradeço a todas as mulheres que permitiram que esse projeto fosse construído, e que junto comigo, mesmo que indiretamente, me mostraram que eu não estou sozinha.

*Me permito desmoronar
Desabar toda de entristecer
Pra que seja possível curar
Me amar e me prevalecer.
(Se Avexe Não - Tássia Reis)*

RESUMO

O presente trabalho tem o propósito de fazer uma Análise de Conteúdo sobre o vídeo “Estética é menos importante?” protagonizado pela *youtuber* Gabriela Oliveira, com o intuito de identificar em sua linguagem o autocuidado em mulheres negras. Por meio das novas mídias, as mulheres negras conseguem ser protagonistas nos meios digitais expondo temas relacionados à temáticas raciais e outras pautas relevantes no campo da cultura e dos direitos das mulheres negras. O projeto traz um contexto histórico sobre o feminismo negro, além de analisar como as mulheres negras brasileiras inserem-se nas redes sociais, até chegar na ferramenta de pesquisa o vídeo, de Gabi Oliveira. Os resultados da análise indicam que o conteúdo do vídeo tem o potencial de incentivar as mulheres negras ao autocuidado, sendo o ato uma forma de resistência.

Palavras-chaves: feminismo negro, transição capilar, autocuidado, mídias sociais, representatividade.

ABSTRACT

The present paper aims to make a Content Analysis on the video "Estética é menos importante?" Starred by the youtuber Gabriela Oliveira, in order to identify in her speech self-care in black women. Through new media, black women are able to be protagonists in digital medias by exposing themes related to racial themes and other relevant topics in the field of black women's culture and rights. The project brings a historical context about black feminism, besides analyzing how Brazilian black women insert themselves in social networks, until reaching the object of research, the video made by Gabi Oliveira. The results of the analysis indicate that the video content has the potential to encourage black women to self-care, and the act is a form of resistance.

Keywords: black feminism, hair transition, self care, social media, representativeness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. FEMINISMO NEGRO NO BRASIL - Uma breve história	15
2. TRANSIÇÃO CAPILAR COMO FORMA DE IDENTIDADE	20
3. AUTOCUIDADO E A MULHER NEGRA	23
4. MULHERES NEGRAS E AS MÍDIAS DIGITAIS	28
4.1 YouTube como estratégia	32
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	34
6. CANAL DEPRETAS POR GABI OLIVEIRA	35
6.1 Origem do canal	37
6.2 Estética é menos importante?	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

INTRODUÇÃO

Desde quando o Brasil se tornou colônia de Portugal, a cultura europeia contribuiu para uma criação de padrão estético, no qual pele, olhos claros, traços finos e cabelos lisos se tornaram padrão de beleza. Porém, em um país no qual a sua população é majoritariamente pretos e pardos, o padrão europeu não deveria ser predominante.

Com o passar dos anos, especialmente a partir da metade do século XX, a população negra brasileira vem buscando uma construção de identidade. A revista brasileira *Raça*¹, por ser a primeira a trabalhar com conteúdos relacionados à cultura afro, ajudou no início desse processo. Outro meio muito importante é a internet, em que jovens e adultos se articulam, seja por meio de coletivos, seja por redes sociais, a fim de debater sobre as questões raciais.

No Brasil, apesar do acesso à internet ainda não ser disponível para todos², até a segunda década dos anos 2000, as minorias, como a população negra, ao terem acesso aos meios digitais, visando o cenário desigual do país, se inseriram nas plataformas, segundo Moura *et al.* (2014, p. 189), “com um propósito no qual se sobressai a apropriação social das tecnologias de informação e comunicação desde uma perspectiva de fortalecimento da cidadania”. A informação é necessária, levando em conta que, a população negra possui menos acesso aos bens sociais. Assim, as mídias sociais, na segunda década dos anos 2000, poderia ser utilizada como uma nova forma de fazer comunicação para essa população e tem possibilitado a propagação de discursos contra-hegemônicos, além de fortalecer as redes criadas por essas pessoas. Uma ferramenta que contribui bastante e será peça fundamental nesse trabalho é o YouTube. Por que o YouTube?

O YouTube é uma plataforma de compartilhamento de vídeo “e um agregador de conteúdo, embora não seja uma produtora do conteúdo em si” (BURGESs & GREEN, 2009, p. 21), em que pessoas intituladas como *youtubers*³, conseguem se

¹ Disponível em: <<http://abre.ai/au7V>>. Acesso em: 20 mai. 2019.

² Segundo pesquisa realizada pela TIC Domicílios, em 2018 70% da população brasileira (equivalente a 126,9 milhões de pessoas) tinham acesso à internet. Disponível em: <encurtador.com.br/mnBFP>. Acesso em: 16 nov. 2019.

³ Criador de conteúdo da plataforma YouTube, podendo ser qualquer pessoa, sem distinção.

expressar e podem ajudar outras pessoas por meio dos seus vídeos. Os conteúdos são diversos, desde músicas, humor, desenhos a assuntos considerados mais sérios como o empoderamento feminino e capilar. O canal DePretas feito por Gabriela Oliveira (Gabi), é um exemplo de conteúdo, que tem o propósito de falar sobre assuntos relacionados à população negra.

Em meados de 2013 começaram a surgir as *youtubers* que tratavam do assunto “transição capilar”, que é o processo de retirada total da química nos cabelos, dando dicas de cremes, de cuidados com os cabelos, de autocuidado e de autoaceitação. Este processo é demorado, pois exige paciência e um cuidado especial com o emocional. Gomes (2008, p. 7) afirmou que “cabelos são uma parte do corpo que é maleável pela cultura e, sendo facilmente manipuláveis, carregam em si muitos significados.” Da mesma forma, Leach (1983, p. 162), “cabelos trazem emoções fortes ao serem cortados, alterados, trabalhados.” Nesse contexto, entra o canal da *youtuber* Gabi Oliveira, criado em 2015 e possui mais de 450 mil inscritos⁴. Nele são abordados temas como estética, beleza negra, feminismo, empoderamento e autoestima da mulher negra, transição capilar e relações étnico-raciais. Mais detalhes do canal e da *youtuber* será passado ao longo do trabalho.

Mulheres pretas e pardas têm buscado cada vez mais pessoas com as quais se identificam na plataforma, as *youtubers* negras ajudam no processo de busca de identidade dessas meninas. Dayana Souza no texto “Que voz é essa? Identidade e Narrativa da Mulher Negra no YouTube” fala sobre mulheres negras no Youtube e como elas impactam social e politicamente, por meio de suas falas.

A estética da mulher negra tem sido um dos principais pilares na construção da sua identidade e um demarcador da sua presença online. A participação dessas mulheres no YouTube vem sendo uma forma de resistência e de afirmação do seu lugar como ser humano. Com a hegemonia branca, houve um certo silenciamento e uma tendência a ver o negro como feio. O padrão branco é ainda visto como ideal de beleza, mas esses discursos e presenças dessas e outras pessoas negras colaboram para uma subversão dessa ideia (SOUZA, 2018, p. 109).

Gabi Oliveira, mulher negra, comunicadora social, fala em seus vídeos justamente sobre o autocuidado, empoderamento, aceitação, amor próprio, com um jeito descontraído e leve. Ter esse autocuidado e saber que é importante quando se

⁴ Até o dia 21/10/2019, o canal possuía 457 mil inscritos.

está passando ou já passou pela transição capilar, pode deixar o processo mais fácil. Gabi apresenta o canal da seguinte forma:

Olá, sejam muito bem-vindas ao canal DePretas (...) a proposta do canal é que você se sinta em casa(...) compartilhar experiência com o cabelo, com a maquiagem, mas também experiência de vida (...) (Transcrição de trecho de vídeo do canal Gabi Oliveira)⁵.

Portanto, este trabalho pretende investigar por meio da Análise de Conteúdo, o tema autocuidado em mulheres negras nas mídias digitais e verificar como e se esses meios contribuem para o processo de propagação dessas mensagens. A análise será feita especificamente para a o vídeo **Estética é menos importante?** do canal DePretas criado por Gabi Oliveira.

Optamos por dividir esse trabalho em seis capítulos. No primeiro capítulo, “Feminismo Negro no Brasil - uma breve história”, criaremos uma linha do tempo sobre o feminismo negro no Brasil, contando as principais impulsionadoras do movimento o momento atual - 2019. No segundo capítulo, “Transição Capilar como Forma de Identidade”, abordaremos como o movimento da transição foi significativo para meninas e mulheres recuperarem sua autoestima e se redescobrirem como negras. No terceiro capítulo, “Autocuidado em Mulheres Negras”, introduziremos como o processo de se cuidar e se conhecer contribui para o desenvolvimento do amor próprio. No quarto capítulo, intitulado “Mulheres Negras e as Mídias Digitais”, explicaremos como as mulheres negras se inseriram no meio social, a importância dessa inserção e a representatividade que trouxeram por meio das mídias sociais. O capítulo também mostra como a plataforma *YouTube* foi utilizado como estratégia nesse processo. No quinto capítulo, apresentaremos a metodologia utilizada neste trabalho, que será a análise de conteúdo, escrita por Laurence Bardin em seu livro *Análise de Conteúdo*, ponderando a linguagem do emissor para o público. No sexto e último capítulo, sugerimos a análise de conteúdo do vídeo **Estética é menos importante?**. *A priori* apresentaremos o canal DePretas e a *youtuber* em seguida, realizaremos a análise do vídeo, categorizando os assuntos abordados, a linguagem e a relação com os temas abordados nos capítulos anteriores.

⁵ Vídeo de apresentação do canal: Primeiro vídeo do canal | Introdução | DePretas. Disponível em: <<http://abre.ai/au9i>>. Data de acesso em: 18 nov. de 2019.

Tema e Problemática

A luta das mulheres negras por reconhecimento na sociedade é feita de forma árdua desde a abolição da escravidão. Mesmo com resultados sendo a passos lentos, houve avanços consideráveis ao longo de épocas, como no século XX, em que a mulher ganhou o direito ao voto. No Brasil, o feminismo negro ganhou forças nos anos oitenta, impulsionado pelas ativistas Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro. As duas feministas expõem as dificuldades da inserção do tema racismo e o silenciamento do discurso das mulheres negras no país. O feminismo negro teve um pensamento próprio, baseado nas experiências de lutas e de resistência diante das opressões de raça, gênero e classe. As mulheres negras nunca se enquadram no estereótipo de mulher frágil e submissa.

Mulheres negras vêm historicamente pensando a categoria “mulher” de forma não universal e crítica, apontando sempre para a necessidade de se perceber outras possibilidades de ser mulher. (...) pensar a interseccionalidade é perceber que não pode haver primazia de uma opressão sobre as outras e que é preciso romper com a estrutura. É pensar que raça, classe e gênero não podem ser categorias pensadas de forma isolada, porque são indissociáveis. (...) Numa sociedade de herança escravocrata, patriarcal e classista, cada vez mais se torna necessário o aporte teórico e prático que o feminismo negro traz para pensarmos um novo marco civilizatório (RIBEIRO, 2017, p. 123-124).

Visto isso, com o avanço tecnológico, as mulheres negras, depois de longos anos de silenciamento, principalmente até o final dos anos 70, se veem em um momento de redescoberta, com mais forças para expressarem suas opiniões, contarem suas histórias e mostrarem sua posição na sociedade, se amando e se cuidando. Portanto, é preciso ressaltar que as mídias digitais podem auxiliar nesse processo.

Um dos fatores que levam as mulheres negras a se inserirem nos meios digitais é a possibilidade de visibilidade e de liberdade profissional, visto que, seu trabalho era considerado menos qualificado, segundo Djamila Ribeiro (2018). Para tanto, devemos considerar que as mulheres negras estão inseridas nos grupos de exclusão desde a escravidão. O acesso aos direitos básicos, como saúde e, educação, lhes foram negados (COSTA e MOURA, 2018). Segundo Moura (2004), a partir da implantação das políticas de Ação Afirmativa para negros e indígenas no

início dos anos 2000, o quadro muda parcialmente com a inserção de jovens negros no ensino superior. Em relação às mulheres negras, o acesso a universidade pode significar o ingresso à novas carreiras no mercado de trabalho. Para Costa e Moura (2018, p. 195) “o processo de aumento de mulheres nas profissões não foi inicialmente uma conquista das mulheres, mas, consequência de uma transformação política, econômica e social do país.” Portanto, a internet pode ser considerada uma forma de gerar trabalho, a exemplo da plataforma *YouTube* que paga seus criadores de conteúdo a partir dos vídeos postados⁶. A comunicóloga Gabriela Oliveira, considerou a plataforma como um potencial emprego, além de poder aliar os assuntos já debatidos, como racismo, estética, relações afetivas quando cursava a Universidade. Os espaços midiáticos, nesse sentido, podem servir como alternativa às mídias tradicionais.

Nos capítulos um ao quatro do presente trabalho, será abordado o feminismo negro no Brasil, como o movimento impactou meninas e mulheres negras nos dias de hoje, outros movimentos que foram impulsionados pela internet e, por fim, o autocuidado, visando analisar o conteúdo do vídeo da *youtuber* Gabi Oliveira, presente no capítulo seis.

No vídeo que será analisado neste trabalho, **Estética é menos importante?**, Gabi Oliveira explica o porquê de achar necessário falar sobre estética, principalmente nesse momento em que a transição capilar ganhou forças e como isso, também, é uma forma de autocuidado. As falas da *youtuber* caminham lado a lado com os ideais da escritora bell hooks (1994) no texto vivendo de amor “a arte e a prática de amar começam com nossa capacidade de nos conhecer e afirmar”. A proposta da *youtuber* é utilizar a plataforma como um espaço de fácil acesso à informação e representatividade, para que mais mulheres possam se conhecer e se afirmar.

Com base na Análise de Conteúdo de Laurence Bardin e por meio dos elementos de linguagem utilizados por Gabi Oliveira para falar sobre a estética da mulher negra, pretendemos buscar a resposta para a seguinte pergunta: é possível

⁶ O pagamento é feito para as pessoas que fazem parte do Programa de Parcerias do YouTube. Desse modo, é uma maneira de gerar receita por meio de anúncios, assinaturas e merchandising a partir da plataforma de vídeo.

afirmar que o vídeo **Estética é Menos Importante?** contribui com a pauta autocuidado em mulheres negras?

O fato de ter mulheres negras abordando temas que eram desconsiderados pelas mídias tradicionais e, assumindo seu o local de fala, gera uma quebra de padrão. O vídeo escolhido para a análise neste trabalho pode trazer contribuições positivas para estas mulheres que estão em processo de autoaceitação, de construção de autoestima, podendo ser também, um local para buscar referências.

Justificativa

O interesse pelo tema de pesquisa surgiu após ler relatos de diversas meninas e mulheres negras que estavam passando pela transição capilar nos grupos da rede social *Facebook* e *posts* no *Twitter* pedindo uma palavra amiga por não estarem se sentindo bem após ouvirem comentários maldosos de parentes, amigos, colegas de trabalho, sobre seus cabelos, a exemplo: “você ficou feia assim”, “preferia seu cabelo antes”, “quer ser negra agora?”.

Diante dos relatos, foi constatado como a falta de representatividade afeta no processo de autoestima dessas mulheres. Nos comentários das pessoas no *Facebook* e *Twitter*, sempre havia pessoas alguém indicando os vídeos da Gabi Oliveira. Após realizar uma pesquisa sobre o canal, notou-se que haviam fatores que chamavam a atenção em seu conteúdo, entre eles o autocuidado.

Para além disso Gabi Oliveira, assim como eu, relata que teria passado pela infância e adolescência de forma mais tranquila, se amando e se cuidando, se tivesse acesso às figuras representativas, pois somente na fase adulta tomou consciência de falas que foram racistas que a diminuíam de alguma forma, principalmente por não ter sido uma menina considerada “padrão”.

Assim, notei que o vídeo **Estética é menos importante?** me trouxe algumas memórias da adolescência, pois, no meu núcleo familiar ouvi algumas frases racistas, às vezes velada, que querendo ou não ficaram no meu imaginário. Também me remeteu aos tempos escolares, que foi uma fase difícil para mim, assim como Gabi, não era considerada uma pessoa padrão, logo, tentava me encaixar fazendo modificações na minha aparência, principalmente no cabelo. Refletindo sobre o trabalho, pude perceber, que a presença de figuras representativas poderia

ter me ajudado a passar por esses momentos de forma menos traumática.

Ver como as mídias digitais, em especial a plataforma *YouTube*, permitiram um acesso dinâmico para conhecer não só a Gabi Oliveira, mas outras mulheres que tiveram experiências de vida similares, me fez perceber o quanto a união feminina faz diferença nos processos de auto aceitação, mostrando que não estou sozinha, como ensina o feminismo. Reconstruir a história e reconhecer que mulheres negras lutaram para serem ouvidas, além de que esse espaço tecnicamente democrático, hoje, é ocupado por mulheres negras, só confirma que essa representatividade é importante.

Objetivos

Objetivo geral

- Analisar qual a importância de se falar sobre autocuidado a partir do canal Gabi Oliveira no YouTube.

Objetivos específicos

- Verificar a representatividade de mulheres negras brasileiras nas mídias digitais;
- Compreender como as mulheres negras brasileiras se inserem no *YouTube*; e
- Analisar o conteúdo do vídeo **Estética é menos importante?** da *youtuber* Gabriela Oliveira, com o propósito de verificar se a sua temática está ou não contribuindo para o autocuidado em mulheres negras.

1. FEMINISMO NEGRO NO BRASIL - Uma breve história

O movimento feminista no Brasil surgiu em meados do século XIX, sendo uma das pioneiras Nísia Floresta, “uma das defensoras da abolição da escravidão, ao lado de propostas como a educação e a emancipação da mulher e a instauração da República” (TELES, 1993, p. 30). Já no séc. XX, Bertha Lutz, foi uma peça principal para uma conquista das mulheres, pois, junto com Maria Lacerda de Moura, fundaram no Rio de Janeiro, a Liga para a Emancipação Internacional da Mulher, um grupo de estudos cuja preocupação principal era batalhar pela igualdade

política das mulheres (TELES, 1993). Na mesma época, em 1934, com a legalização do voto feminino, Carlota Pereira Queirós foi eleita a primeira mulher deputada no país (MOREIRA, 2007; GARCIA, 2011; LEAL, 2018).

Porém, o que é o feminismo? Segundo a autora Maria Amélia de Almeida Teles (1993), o feminismo é uma filosofia universal que considera a existência de uma opressão específica a todas as mulheres.

(...) o feminismo é um movimento político. Questiona relações de poder, a opressão e a exploração de grupos de pessoas sobre outras. Contrapõe-se radicalmente ao poder patriarcal. Propõe uma transformação social, econômica, política e ideológica da sociedade. (...) o feminismo tem também caráter humanista: busca a libertação das mulheres e dos homens (...) (TELES, 1993, p. 10-11).

Mesmo com várias conquistas, nem todas as mulheres passaram a usufruir de seus direitos. Diante disso, cabe questionar: onde entra as mulheres negras no movimento feminista brasileiro? Quais são as mulheres que estão levando esse conhecimento para outras?

Desde a escravidão a mulher negra desempenhava diferentes valores: de um lado, reproduzindo a força de trabalho e, por outro, trabalhando nas tarefas domésticas a serviço dos colonizadores, nas casas dos senhores na cidade e no campo. Nas duas situações, foi geradora de mais-valia, seja nas minas, fazendas e plantações (TELES, 1993). A mais-valia produzida nos setores econômicos por essas mulheres é incalculável. Teles, ainda cita que a divisão do trabalho por sexo se consolidou no período colonial fortalecendo a dupla opressão da mulher: de sexo e de classe. O machismo e a exploração econômica serviram ao sistema global de dominação patriarcal e de classe (TELES, 1993).

Mesmo no período colonial as mulheres negras já lutavam por seu reconhecimento e por sua liberdade. Dandara, por exemplo, não deve ser lembrada apenas como esposa de Zumbi dos Palmares. Essa guerrilheira, ao lado do seu esposo lutou com armas pela libertação dos escravos no Brasil. Vale ressaltar que uma das fundadoras do quilombo Palmares⁷ também foi uma mulher, Aqualtune filha do rei do Congo e avó de Zumbi, comandou 10 mil guerrilheiros para defender o

⁷ Quilombo dos Palmares foi considerado o maior quilombo do país, se manteve estruturado de 1630 a 1634.

reino de seu pai (TELES, 1993). Outros nomes como Felipa Aranha⁸, Luiza Mahin⁹ e Maria Quitéria¹⁰ devem ser recordados. Todas essas mulheres lutaram pelo país e se tornaram grandes líderes.

Já no século XIX, no Brasil Império, o feminismo negro também se fez presente, tendo como uma figura marcante a maranhense Maria Firmina dos Reis, primeira romancista brasileira, abolicionista, negra e feminista. Sua obra *Úrsula* é considerada o primeiro romance de temática feminista e anti escravista brasileiro escrito por uma mulher. Maria Firmina buscava sempre defender os escravos. Em seus livros mostrava as péssimas condições de vida dos escravos, os castigos sofridos injustamente, desejando, assim, comover os leitores (TELES, 1993). Firmina é vista como uma desbravadora e única no campo da escrita por ocupar, naquela época, um campo dominado exclusivamente por homens.

Apesar de termos referências de grandes mulheres negras que fizeram história, o feminismo negro caminhou a passos lentos. É nítido que a mulher negra teve e ainda tem que lutar mais por direitos sociais básicos, principalmente por conta da sua cor e pelo simples fato de ser mulher, visto que desde a escravidão eram anuladas, exploradas, tanto sexualmente quanto por sua mão-de-obra. Mesmo com a abolição da escravatura, os povos negros não tiveram a sua liberdade. Pelo contrário, acentuou-se sua condição de marginalizado. Enquanto o desenvolvimento industrial abriu portas para pessoas brancas vindas da Europa, para os negros sobravam os piores serviços e de mais baixa remuneração, sendo chamados muitas vezes de “desocupados”. A mulher negra, nessa época, teve um papel importante, pois, garantia sozinha a sobrevivência de sua família, quando apenas ela conseguia algum serviço remunerado (TELES, 1993).

O feminismo negro sempre se mostrou necessário, logo, esse feminismo surge da necessidade de representação, como afirma bell hooks¹¹ (1984), visto que

⁸ Felipa Aranha liderou um quilombo no Pará

⁹ Luisa Mahim transformou sua casa em quartel general das principais revoltas negras que ocorreram em Salvador, no séc XIX.

¹⁰ Maria Quitéria nasceu no sertão da Bahia em 1792. Fugiu de casa, vestiu-se de homem para poder se alistar e combater as tropas portuguesas. Conseguiu atingir o posto de cadete. Recebeu de Dom Pedro I a Insígnia dos Cavaleiros da Imperial Ordem do Cruzeiro.

¹¹ O pseudônimo é uma homenagem a avó da autora, a letra minúscula tem como objetivo focar nas obras e pensamentos e conhecimentos compartilhados através da escrita de bell hooks e não em sua pessoa.

nos Estados Unidos sempre teve uma separação de classes e de cores. As pautas colocadas pelas mulheres brancas não conversavam com a realidade das mulheres negras, nem as pautas das mulheres negras eram consideradas por um feminismo dito universal. Mulheres essas que em sua maioria eram pobres, solteiras, mães solo, excluídas e silenciadas pela sociedade. Hooks (1984) ainda assegura que mulheres brancas feministas jamais conseguirão imaginar a luta e o sofrimento que uma mulher negra enfrenta todos os dias.

Até a metade do século XX, a realidade do Brasil não havia mudado substancialmente e somente nos anos oitenta, o feminismo negro - movimento lutava para que as mulheres negras fossem consideradas sujeitos políticos - ganhou força no país. Militantes como Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro são figuras importantes no movimento negro do país. (BARRETO 2005; MALTA & OLIVEIRA 2016; RIBEIRO, 2018).

A antropóloga, filósofa, intelectual e feminista negra, Lélia Gonzalez (1983), já questionava o lugar das mulheres negras, que, segundo a filósofa, são incríveis, mas não tem espaços, porque este não lhes são dados, na medida em que elas não se enquadram nos estereótipos estabelecidos. Lélia ainda pontua que para a mulher negra o lugar que lhe é reservado é sempre o de menor salário, o do desrespeito com relação a sua capacidade profissional, são vistas como domésticas, sem contar na hipersexualização do seu corpo, sempre sendo consideradas “fogositas”. Como já apontado por bell hooks:

O sexismo e o racismo, atuando juntos, perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a idéia que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros. Desde a escravidão até hoje o corpo da negra tem sido visto pelos ocidentais como o símbolo quintessencial (...) (HOOKS, 1995, p. 469).

Djamila Ribeiro (2018) define esses espaços como lugar de não escolha, reforçando a necessidade de mulheres negras construírem redes de solidariedade política, em vez de se fixarem em uma narrativa imutável de não transcendência. Porém, nos anos oitenta, Lélia reforçava o resgate às genealogias, às origens e às tradições de seu povo, afirmando que é fundamental que a população negra alcance e continue alcançando a consciência e resgate o orgulho de si mesma, tanto para

superar as barreiras, alcançar a dignidade e o empoderamento¹², com os mesmos direitos e deveres que lhes foram negados, e, principalmente as mulheres negras que sempre foram fetichizadas desde o período colonial. Buscar e entender essa identidade é um ato de resistência, especialmente por ser mulher e ser negra em uma sociedade que ainda é machista.

O “tornar-se negra” anuncia um processo social de construção de identidades, de resistência política, pois reside na recusa de se deixar definir pelo olhar do outro e no rompimento com o embranquecimento; significa a autodefinição, a valorização e a recuperação da história e do legado cultural negro, traduzindo um posicionamento político de estar no mundo para exercer o papel de protagonista de um devir histórico comprometido com o enfrentamento do racismo (CARDOSO, 2014, p. 973).

Desde os anos oitenta, o feminismo negro vem conquistando maior visibilidade no âmbito nacional. Nota-se um aumento de mulheres negras nas universidades e em espaços de poder, e a internet ajuda a uni-las, pois buscam representatividade.

Para tanto devemos atentar aos conceitos de representação e representatividade. Segundo Stuart Hall representação é um processo-chave no circuito cultural, podendo ser também a produção de sentido da linguagem, formando circuitos e conceitos de representações mentais. Assim, podendo construir uma cultura de sentidos compartilhada e então desenvolver um mundo social que é habitado no coletivo

No cerne do processo de significação na cultura surgem, então, dois “sistemas de representação” relacionados. O primeiro nos permite dar sentido ao mundo por meio da construção de um conjunto de correspondências, ou de uma cadeia de equivalências, entre as coisas, pessoas, objetos, acontecimentos, ideias abstratas etc. – e o nosso sistema de conceitos, os nossos mapas conceituais. O segundo depende da construção de um conjunto de correspondências entre esse nosso mapa conceitual e um conjunto de signos, dispostos organizados em diversas linguagens, que indicam ou representam aqueles conceitos. A relação entre “coisas”, conceitos e signos se situa, assim, no cerne da produção do sentido na linguagem, fazendo do processo que liga esses três elementos o que chamamos de “representação” (HALL, 2016, p. 38).

O conceito de representatividade de acordo com o dicionário Aurélio (2016) está baseado na ideia daquele que representa politicamente os interesses de um

¹² Geledés Instituto da Mulher Negra - Livros e textos de Lélia Gonzalez. Disponível em: <<http://abre.ai/avaB>> Acesso em: 6 mai. 2019.

grupo, de uma classe ou de uma nação. Ela se concretiza através da ação, adesão e participação dos representados. O vínculo que liga um representante aos seus representados é a confiança política em geral, uma vez que o representante é muito mais que um gestor. Visto isso, Djamila Ribeiro, é uma das protagonistas e pode ser uma figura representatividade da atualidade que procura afirmar a mulher negra como essencial na construção intelectual e social da sociedade

O feminismo negro não é uma luta meramente identitária, até porque branquitude e masculinidade também são identidades. Pensar feminismos negros é pensar projetos democráticos (RIBEIRO, 2018, p. 7).

Atrelado a isso, Djamila Ribeiro (2018) ressalta a importância de voltar às raízes, começando pela autoaceitação, sendo o passo inicial assumir os cabelos naturais. Assim, mulheres e meninas negras que se veem representadas por esses grandes nomes, passam a aceitar-se, a construir um amor próprio e buscar a sua própria personalidade.

Nesse sentido, o primeiro passo da aceitação é “assumir” os cabelos naturais, sejam eles crespos ou cacheados, os quais, por muito tempo, foram considerados feios, muito volumosos e, difíceis de cuidar. Surge, assim, a transição capilar, assunto a ser tratado no próximo capítulo.

2. TRANSIÇÃO CAPILAR COMO FORMA DE IDENTIDADE

Desde o período colonial, os cabelos crespos e cacheados eram considerados “feios”, “difíceis de lidar”, “volumosos demais” e a melhor solução para esse “problema” era realizar alguma intervenção capilar, ou escondê-los por de baixo de panos. Desde a infância, meninas e mulheres negras são socializadas para terem os cabelos alisados (FIGUEIREDO, 2002). Essa socialização é resultado da influência das colonizações européias que impunham seu padrão de beleza numa sociedade em que a maioria da população era e é formada por pretos e pardos. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2018, 9,3% da população se declarou preta; 46,5% se declarou parda; enquanto 43,1% se declarou branca¹³. Visto isso, qual é o sentido de adotar um padrão de beleza que

¹³ Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012-2018

não representa a nossa cultura e a maioria da população brasileira? A autora Nilma Lino Gomes questiona

como é possível esperar que o negro se aceite e valorize suas características físicas, se o próprio meio social que ele se relaciona, que tem grande importância na construção de sua identidade, o ensina a odiá-las e desprezá-las? O cabelo, assim como outras características do negro, é visto como algo ruim, que o desvaloriza enquanto indivíduo dentro de uma sociedade (GOMES, 2008, s/p).

Segundo a pesquisa realizada por Figueiredo (2002), entre as partes do corpo, o cabelo era a estrutura física que as participantes mais gostariam que fosse mudada. Modificar a estrutura dos fios pode estar ligado ao fato de pertencimento e de aceitação de algum grupo. Figueiredo (2002) ressalta que mudar a estrutura física do cabelo, nessa lógica, é afastar-se da sua identidade e negar a sua ancestralidade. Por consequência, usar o cabelo em sua forma natural é um ato de resistência, e, por isso, o movimento negro brasileiro toma o cabelo natural como símbolo de afirmação de identidade (FIGUEIREDO, 2002).

O cabelo pode influenciar diretamente na autoestima, por ser uma das partes que mais se encontra exposta em determinadas culturas, principalmente no Brasil. Logo, tem uma forte carga identitária, assim, se revela não somente como elemento social, mas também cultural e político, capaz de influenciar e construir identidades. Por meio da internet, é possível afirmar esses movimentos identitários e criar novos, como o movimento da Transição Capilar, que ganhou forças na segunda década do século XXI, mediante as redes sociais. O movimento tem como referências jovens que passaram pelo processo de transição, e que transforma, aos poucos, as suas imagens que influencia diretamente na autoestima (GOMES, 2014; MATOS 2016; MALTA & OLIVEIRA 2016).

O movimento da Transição Capilar se iniciou nos Estados Unidos, mas logo ganhou forças no Brasil em meados de 2012, tendo maior visibilidade por meio de grupos criados no *Facebook* e canais do *YouTube*. Larisse Gomes (2014) define o processo como um momento de mudança, para quem deseja parar de fazer procedimentos químicos nos cabelos, mas, vai além disso

(...) transição capilar é entender que o cabelo é muito mais que um elemento biológico, é social e cultural e pode ser também um veículo de comunicação entre o individual e social. Articular essa

complexidade é de uma amplitude que transborda qualquer paradigma quantitativo (GOMES, 2014, p. 10)

Gomes (2014) ainda salienta que o processo está diretamente ligado com a ideia de identidade e Matos (2016) reforça afirmando que o fenômeno está inserido em um discurso de aceitação e de valorização da estética africana. O processo de transição capilar também é uma forma de trocar conhecimentos e gerar questionamentos, por exemplo “como é ser uma mulher negra?” e indo mais além, mostrando como a técnica possibilita a descoberta e a redescoberta da beleza negra, que por anos foi ignorada (MATOS, 2016).

Durante a transição é comum o cabelo ficar com duas ou mais texturas, esse momento pode afetar a autoestima de quem está passando pelo processo, às vezes de forma negativa. É nessa fase do processo que mulheres e meninas decidem fazer o *Big chop* (grande corte). O corte consiste em retirar toda parte que ainda contém química, deixando apenas o cabelo natural. O cabelo, por estar curto depois do *BC*¹⁴, causa estranheza no primeiro momento, porque a pessoa em transição esquece como era a textura natural do cabelo antes dos procedimentos químicos. Ao longo do processo, o indivíduo busca como cuidar melhor dos fios, o processo de crescimento, o cronograma capilar¹⁵, métodos esses que são ensinados e compartilhados nas mídias digitais, por meio de canais do YouTube, grupos no *Facebook* e *blogs*.

As marcas de cosméticos também se adequaram ao público e passaram a criar produtos específicos para os cabelos crespos e cacheados, como por exemplo a *Salon Line*, *Lola Cosméticos*, *Soul Power*, dentre outras. As empresas, para se aproximarem do público desejado, contratam blogueiras e *youtubers* que falam sobre o assunto para fazer essa divulgação. Segundo a matéria “*Mercado que aposta em cosméticos e serviços para negras está em expansão*”, publicada em 2018 pela Revista Veja São Paulo, no ano de 2017, a expressão “cabelos cacheados” ultrapassou, pela primeira vez na história, a busca pelos lisos no site de pesquisa, Google, com um crescimento de 232%. Em contraponto, a procura por “cabelos afros” teve um aumento de 309%.

¹⁴ Sigla usada para *Big Chop*

¹⁵ Rotina de cuidado com os cabelos que intercala três tratamentos principais: hidratação, nutrição e reconstrução.

Devemos atentar que a aceitação do cabelo crespo também é considerado fator importante na construção de identidade dos povos negros, como afirma a escritora Nilma Lino Gomes (2002). Segundo Nelson Inocêncio (2012) assumir os fios crespos é uma questão de beleza e identidade, além de resgate a ancestralidade, é lutar contra estereótipos e prezar a igualdade de valor para com o próximo, baseando-se na diferença e conquistando aceitação especialmente pelo fato dos cabelos crespos terem uma curvatura diferente e mais volume do que os cabelos cacheados.

Nota-se que a internet teve e ainda tem um papel fundamental na divulgação da transição capilar. Seja para trocar experiências, seja para uma palavra de apoio. Meninas e mulheres veem esses espaços como forma de apoio e de troca, não sendo usado apenas para estética, mas também para o autocuidado. Lídia Matos pontua a importância de ocupar esses espaços digitais.

Vendo a Internet como um espaço de produção de conhecimento, exposição de diferentes formas de ver o mundo, compartilhamento de conteúdo, as blogueiras e vlogueiras, na sua maioria mulheres a utilizam para defender do uso do cabelo na sua textura natural, principalmente os cabelos crespos e cacheados. Tal fenômeno está inserido em um discurso de aceitação e valorização da estética africana (MATOS, 2016, p. 7).

3. AUTOCUIDADO E A MULHER NEGRA

Gesser e Costa (2018) pontuam que a identidade de uma pessoa é formada a partir do seu nascimento, período em que o indivíduo cria interações com o mundo. Essas interações são feitas primeiramente por meio da família e, na fase adulta diretamente pela pessoa. Para meninas e mulheres negras, ter protagonistas que as ajudem a desenvolver essa identidade é importante principalmente para saberem o papel da mulher negra no contexto sociocultural brasileiro, como e de que maneira ela se posiciona nos espaços. Segundo Gesser e Costa (2018), é comum o afrodescendente absorver e se submeter às crenças e aos valores da cultura branca dominante, até mesmo a noção sintetizada nas ideias do "branco ser certo" e o "negro ser errado". Essa internalização de estereótipos negativos é feita de maneira inconsciente e afeta na construção da identidade. Por esse motivo, neste capítulo será ressaltado o autocuidado entre as mulheres negras.

No que tange aos papéis construídos socialmente para a mulher negra, entende-se que, para além da problemática que envolve o gênero, essa mulher precisa desenvolver identificação com as questões étnico-raciais. Se a sociedade lhe impõe desde a tenra idade condições não valorizadas que se traduzem em assimilação de sua não representatividade social, ou, ainda pior, sua representatividade negativa, o processo de autoafirmação étnico-racial torna-se imperioso para que possa encarar a vida com condições de dialogar com essa realidade desfavorável com êxito ou, pelo menos, diminuir o impacto e os prejuízos ao seu universo biopsicossocial (GESSER e COSTA, 2018 p. 25).

O conceito de autocuidado surgiu em 1988, a partir da frase da escritora e feminista negra Audre Lorde (1988, p.132), que afirma “cuidar de mim mesma não é autoindulgência é autopreservação, um ato de luta política.”¹⁶ As mulheres estão na linha de frente de uma luta que se iniciou há vários anos. Entretanto, pode-se dizer que essa luta já existia na época da escravidão, em que mulheres negras eram esquecidas por seus donos, que eram obrigadas a deixar de cuidar dos seus filhos para cuidar dos outros e que tiveram as vidas amortecidas pela branquitude. O seu bem-estar não era importante, muito menos a sua saúde mental.

No colonialismo, a raça branca era considerada superior, enquanto os negros eram considerados inferiores, por conta da sua cor e condição de escravo. Como afirma Freyre (2003), os brancos eram exclusivos na representação social, eram vistos como intocáveis, considerados homens perfeitos. Sodré (1999) complementa, os brancos consideravam os indivíduos das outras raças como objeto de abuso e de mercadoria. As mulheres negras, nesse contexto, eram abusadas, estupradas e privadas de qualquer ideia de maternidade, pois isso era um privilégio de mulheres brancas. Eram lidas como “corruptoras” das famílias brancas pelos mais conservadores da época, como afirma Giacomini.

Quando a casa grande se apropria da capacidade de amamentação das mulheres negras, é negado a ela o direito da maternidade de seus filhos e paralelamente a negação de sua condição de mulher. Ou elas eram obrigadas a se separar dos filhos ou elas tinham que dar mais atenção aos filhos do senhor do que aos próprios: “A proliferação de nhonhês implicava o abandono e a morte de moleques” (GIACOMINI, *apud* AZARIAS, 2016, p. 29-30).

¹⁶ Segundo o Meus Dicionários, ato político é toda ação praticada pelos agentes políticos que desempenham funções legislativas, executivas e judiciárias, conforme com a competência que se está estabelecida na Constituição do Brasil de 1988. Figurativamente, o ato político pode se referir às maneiras que a população de um determinado país usa para protestar sobre algo, demandar mudanças. Disponível em: <encurtador.com.br/gzAFH>. Acesso em: 8 dez. 2019

Nessa lógica, a escravidão impede que o corpo da mulher negra pertença a ela mesma, naturalizando a exploração sexual, sendo associadas à prostituição e tendo a função de iniciar a vida sexual dos filhos dos senhores. Mesmo com a abolição da escravatura, a história não mudou muito, apenas o contexto e as novas formas de dominação, mas prevaleceu a ideologia racista e sexista (AZARIAS, 2016).

Segundo Matos (2015), no Brasil não houve uma democracia racial, tanto que a elite branca inventou o conceito de embranquecimento social, que teve suas raízes no período colonial, mas foi dominante no século XIX e início do século XX. O processo além de afetar as esferas culturais, físicas e sociais da população negra, também contribuiu para a insatisfação desse indivíduo com a sua identidade e condição social.

Compreende-se que o processo de branqueamento originou-se do medo, silêncio e da apropriação de regalias das elites brancas. A falta de reconhecimento da raça, da cultura e do fenótipo diferente do outro se desdobrou em conflitos nas personalidades dos negros. Ao longo dos séculos no Brasil, a população tão miscigenada se solidificou profundamente em desigualdades e intolerâncias (MATOS, 2015, p. 19).

O processo de se “branquear” pode ser entendido como uma fuga ao racismo que perpetua desde o período colonial, criando, assim, uma ideia de pertencimento social. O indivíduo precisa então de um modelo no qual ele possa se espelhar e construir sua identidade. Esse modelo é conhecido como Ideal do Ego, segundo Santos (1983), quando atingido possibilita o estado de tranquilidade e harmonia. Para o africano brasileiro, o Ideal do Ego é o branco adquirido por meio da ascensão social (MATOS, 2015). A população negra passa então a ter uma aversão aos seus traços físicos e a desejar as características brancas. Neuza Santos, em “Tornar-se Negro” (1983) mostra essa visão social

O irracional, o feio, o ruim, o sujo, o sensitivo, o superpotente e o exótico são as principais figuras representativas do mito negro (...). Aqui branco quer dizer aristocrata, elitista, letrado, bem sucedido. Noutro momento o branco é rico, inteligente, poderoso. Sob qualquer nuances, em qualquer circunstância, branco é o modelo a ser escolhido (SANTOS *apud* MATOS, 2015, p. 18).

A sociedade ensinou os povos negros a negarem seu corpo, cabelos, lábios e, a se esconder. Esse processo vem desde a infância, em que pais e mães aprenderam que suas características não são aceitas e reproduzem esse discurso para seus filhos e filhas, às vezes, inconscientemente, na tentativa de aliviar um sofrimento que a criança possa vir a ter. Um método muito comum é alisar os cabelos, trazendo a sensação de pertencimento. Portanto, o processo de retomada de identidade faz-se necessária. Neusa Santos (1983), pontua que tomar consciência do processo ideológico, que por meio de um discurso mítico acerca de si, engendra estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, no qual se reconhece. Logo, é uma retomada de nova consciência que garanta o respeito às diferenças e reafirma uma dignidade perante qualquer tipo de exploração, como coloca Azarias (2016). Se reconhecer como negro é uma forma de negar o embranquecimento imposto pelos brancos e enfrentar o racismo.

As marcas deixadas na escravidão e colonialismo refletem até hoje na sociedade. A terapeuta, Caroline Amanda, questiona: o quanto a escravização, compromete a relação afetiva? O quanto está comprometendo a relação com o corpo? O quanto está comprometendo outras habilidades que poderiam ser desenvolvidas se não soubéssemos que existia racismo? E diante todo esse histórico, qual o espaço da mulher negra nessa sociedade? Como é desenvolvida sua autoestima?

Desde a escravidão mulheres negras desempenham diversos papéis - mães, esposas, cuidadoras, mas esquecem que precisam de tempo para cuidar de si. A carga mental atribuída a essas mulheres desenvolve estresse¹⁷, gerando uma autoestima fragilizada. Esse adoecimento, fruto de um racismo institucionalizado, deixa a mulher mais vulnerável. Emily Azarias (2016) pontua

No plano afetivo, uma pessoa com a autoestima fragilizada está mais vulnerável a sofrer qualquer tipo de abuso emocional, pois pode achar que sempre deve agradar e atender as expectativas do o/a parceiro/a mesmo que não seja recíproco ou seja contrário aos seus valores ou vontades. Assim, se tornam frequentes as situações em que a mulher negra repete atitudes que lhe causa algum sofrimento ou prejuízo, mesmo quando consciente do mal-estar gerado. Ela entra em um contínuo de autossabotagem, reforçando a sensação

¹⁷ DEMARTINI, M Como o racismo afeta a saúde dos negros, segundo a ciência. **Exame.com**. Publicado em 19 jul.2016. Disponível em <<http://abre.ai/avjv>>. Acesso em: 30 out. 2019.

íntima de fraude, gerado pela internalização da violência racial estruturada (AZARIAS, 2016, p. 40).

O autocuidado, nesse contexto, torna-se indispensável, pois, além de fazer parte da construção da autoestima dessas mulheres, que, segundo Nilma Lino Gomes (2007), são marcadas pelo preterimento, privadas de demonstrar qualquer tipo de emoção, tendo sempre que se mostrarem fortes e reprimirem seus sentimentos, também ensina o amor próprio, mostra que todas merecem amar, serem amadas e serem, respeitadas. Como explica a terapeuta menstrual Caroline Amanda Borges

A mulher retinta se ver e se perceber em autocuidado é uma experiência realmente transformadora. (...) a medida que mulheres têm uma conexão com o próprio corpo, consegue perceber o que as deixam felizes, o que agrada, deixando de lado as respostas sociais e colocando em prática o “EU TENHO QUE SER FELIZ”. O autocuidado é o único caminho disponível que não passa por celas. (BORGES, 2019 s/p).

A prática do autocuidado ajuda a mulher a reconhecer que ela é dona do próprio corpo e, que tem autonomia sobre ele. Assim, descreve Emily Azarias (2016), em seu trabalho final de curso em jornalismo, também orientado pela professora Dione Moura, transcender o corpo, significa retomá-lo como espaço de poder antes do que alguma perspectiva de negação de corporeidade. Vale lembrar que o corpo não é só uma composição biológica de células, mas, sim, a expressão da cultura e etnia de um povo. As características podem ser ou não aceitas. No caso da rejeição corporal, as mulheres negras são as mais atingidas, devido a hipervalorização da estética feminina branca (MATOS, 2015). Dessa forma, o reconhecimento dessas mulheres com os seus corpos, como afirma Pereira (2016), qualifica um espaço e permite o reencontro e a reconstrução da imagem perdida.

No texto “*Vivendo de amor*” bell hooks afirma que a partir do momento em que conheço meus sentimentos, posso também conhecer e definir aquelas necessidades que só serão preenchidas em comunhão ou contato com outras pessoas. E completa que, se acreditarmos desde criança, que nossa saúde emocional é importante, seremos capazes de suprir as nossas outras necessidades. O autocuidado leva a isso, a se conhecer, a olhar com carinho para a saúde emocional, a se olhar no espelho e gostar do que está vendo, a querer existir dentro

de si para poder existir no mundo. É o amor em sua forma pura e forte, como afirma bell hooks (1994)

Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura. (HOOKS, 1994, s/p).

Ter representatividade estética, energética e linguística é pode ser essencial para que mulheres negras possam estabelecer uma reconexão consigo mesma, e, com as mídias digitais, esse processo pode se tornar mais fácil. A rede de cuidados e afetos que o autocuidado proporciona também é um ato político. Mulheres negras exaltando umas às outras, quebrando os padrões que a sociedade impõe, ocupando os espaços, cuidando de si numa sociedade que ainda é racista e sexista, é revolucionário e necessário.

4. MULHERES NEGRAS E AS MÍDIAS DIGITAIS

Historicamente, as mulheres negras foram impedidas de contar suas histórias e, falarem por si. Os livros escolares sempre trouxeram a visão do homem branco colonizador, sendo reflexo de uma sociedade machista e racista que conferiu aos negros e negras somente os papéis de marginalizados. Segundo a socióloga Laila Oliveira (2016), mesmo diante de um histórico de uma sociedade que traz marcas da escravidão e a vivência de um sistema que legitima o lugar da mulher negra na base da pirâmide social, estas desde o período colonial buscaram formas de resistir e de se organizar.

O feminismo negro tornou-se um lugar de representatividade, além de trazer um pensamento que estimula as mulheres negras a escreverem suas histórias, também busca conduzir outras a buscarem na literatura respostas para os seus desejos.

É no bojo dessas transformações relacionadas a vida das mulheres negras que compreenderemos como através das redes sociais os discursos e narrativas desse segmento sai da invisibilidade e ganha notoriedade entre os mais diversos públicos, visibilizando suas

A era digital no Brasil teve início em meados do século XX, quando a eletrônica tornou-se o marco da modernização da indústria, desde então os meios tecnológicos tem se modernizado. No início do século XXI, o meio digital ficou conhecido como a era das comunicações, pois, na primeira década do século XXI, houve o início da política de inclusão digital. Apesar dos esforços para que o acesso à internet esteja disponível para todos, ainda existe uma parcela da população brasileira afetada pela exclusão digital, dentre elas, a população negra (MOURA; FIGUEIREDO; NUNES, 2014) Uma pesquisa realizada pela TIC Domicílios em 2018¹⁸ revelou que 30% da população ainda não tinha acesso à internet. Em contrapartida, o estudo também mostrou que houve um crescimento do acesso entre as classes consideradas mais pobres, D e E, passando de 42% em 2017, para 48% em 2018.

Assim, a internet mudou a forma de se comunicar, tornando-se um local para pessoas que não eram ouvidas e nem representadas pelos modos tradicionais de comunicação, como a TV. O espaço, no entanto, passou a ser um canal de mobilização. Para a população negra, significa uma abertura para debates sobre racismo, estética, religião. Segundo MOURA *et al.* (2014), a presença da população negra

tornou-se evidente, a partir de meados da primeira década do século XXI, quando a rede mundial se constitui em um espaço virtual privilegiado para a análise da articulação política, social, cultural e econômica de grupos sociais afrodescendentes. Por meio da comunicação digital e da convergência de mídias, estes grupos afirmam a diversidade étnico-racial, reivindicam a propriedade coletiva de terras, denunciam o racismo persistente no Brasil – 123 anos após a abolição da escravatura – assim como constroem novos discursos para a disputa da agenda pública (MOURA *et al.* 2014, p. 195-196).

Dessa forma, a televisão deixa de ser a maior produtora de informações de interesse social, causando, assim, uma mudança comportamental, em que o receptor de informações também passa a ser produtor de conteúdo nas mídias digitais (BARROS, 2018). Dessa maneira, pode-se perceber o papel que as redes

¹⁸ Disponível em: <<http://abre.ai/avuG>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

sociais tem como ferramenta para que indivíduos e grupos possam atuar como agentes de transformação (OLIVEIRA, 2016). Moura *et al.* (2014) pontua que as mídias contribuíram para o fortalecimento de personagens para as novas narrativas.

Comunidades que se declaram como instauradoras de novas territorialidades. Ao declarar-se demarcam, potencialmente, um regime estatutário para as mídias sociais, muito além do campo do entretenimento ou do marketing de produtos (MOURA *et al.* 2014, p. 198).

O crescimento tecnológico permitiu o avanço do ativismo de mulheres negras nas plataformas online, mas o avanço não foi apenas pelas condições tecnológicas. Devemos considerar como fator importante, a inserção de pessoas negras no ensino superior. Segundo pesquisa “Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil” realizada pelo IBGE em 2018, pela primeira vez na história do país, negros e pardos são a maioria nas universidades públicas, ocupando 50,3% das vagas, o equivalente a 1,14 milhões¹⁹. Contudo, o espaço midiático possibilitou que os trabalhos acadêmicos da população negra tivessem maior visibilidade (MOURA, 2014). Tornou-se, também, um aliado em potencial para vencer as barreiras criadas pelo racismo, seja nos *blogs*, grupos do *Facebook*, *Twitter* ou canais no YouTube. Segundo Castells, o modo como a sociedade se organiza em torno das redes sociais, modifica substancialmente a morfologia do nosso meio. As redes comunicacionais são estruturas flexíveis, com capacidade de expansão ilimitada e com tempo indeterminado, quase infinito. Sônia Aguiar (2008) conceitua as redes sociais como

Métodos de interação que sempre visam algum tipo de mudança concreta na vida das pessoas e/ou organizações envolvidas, seja na busca de soluções para problemas comuns, na atuação em defesa de outros em situações desfavoráveis, ou na colaboração em algum propósito coletivo. As interações de indivíduos em suas relações cotidianas – familiares, comunitárias, em círculos de amizades, trabalho, estudo, militância etc. – caracterizam as redes sociais informais, que surgem sob as demandas das subjetividades, das necessidades e das intensidades (AGUIAR, 2008, p. 15)

Desde modo as mídias sociais tornam-se um canal de articulação para as mulheres negras (ALMEIDA, 2018), que se juntam para debater suas necessidades, e, em consequência, a televisão e a publicidade começam a enxergar a população

¹⁹ Disponível em: <<http://abre.ai/avqi>>. Acesso em: 18 nov. de 2019.

negra como consumidor de audiência. Djamilla Ribeiro (2016) afirma que a internet é o espaço que as mulheres negras encontraram para existir, já que as mídias hegemônicas as ignoram. Dayana Souza (2018) complementa dizendo que a internet é também um espaço de autoafirmação de identidade, resistência, um local de compartilhamento e disputa para as mulheres negras

(...)é um lugar de amplificação de voz, de ativismos, de posicionamento social e, conseqüentemente, de luta contra hegemonia, seja através da exaltação de seu corpo e traços, confrontando as noções de belo, ou intelectualmente, contando sua própria história (SOUZA, 2018, p. 103).

Assim, mulheres negras que raramente são vistas nas mídias tradicionais, passam a ser vistas a todo tempo nos meios digitais, desempenhando várias funções. Por exemplo, na música, com a cantora Karol Conká e a pequena MC Soffia, que com apenas 11 anos canta sobre a sua realidade e posta nas redes sociais. A MC foi convidada para ir ao programa da jornalista Fátima Bernardes, depois de se tornar referência para outras crianças negras.

O *Facebook* se tornou um grande aliado na propagação de conteúdo produzido por mulheres negras. A página Preta e Acadêmica²⁰, feita coletivamente por mulheres negras que estão na Universidade, com o objetivo de dar visibilidade aos casos de racismo que ocorrem nas instituições ensino, conta com mais de 190 mil curtidas. Em contraponto, a página Blogueiras Negras²¹, que fala sobre questões da negritude, feminismo e produção de conteúdo, possui mais de 220 mil curtidas. Coletivos como esses fizeram com que grandes eventos criados nas redes sociais acontecesse fora da internet, como a Marcha das Mulheres Negras contra o Racismo, a Violência e o Bem Viver, que reuniu em média 20 mil pessoas, em sua maioria mulheres negras, de todos os estados do Brasil.

Outra rede social que foi fundamental para a inserção de mulheres negras nas mídias digitais, a qual será abordada neste trabalho, é o *YouTube*. A plataforma de vídeo faz com que assuntos relacionados as pautas da população negra e, principalmente, das mulheres negras, que pode ser debatido de forma inclusiva. As

²⁰ Até o dia 03/11/2019 a página tinha 190.831 curtidas e 194.898 seguidores. Disponível em: <<http://abre.ai/avqo>>. Acesso em 03 nov.2019.

²¹ Até o dia 03/11/2016 a página tinha 221.405 curtidas e 221.306 seguidores. Disponível em: <<http://abre.ai/avqp>>. Acesso em 03 nov. 2019.

youtubers Gabriela Oliveira, Ana Paula Xongani, Nataly Neri, trazem pautas sobre discursos raciais, estética, moda, autocuidado entre outros, rompendo o silenciamento causado pelos temas. Além de se tornarem representativas para outras mulheres.

Ocupar os espaços online e falar sobre si mesma, exaltar sua estética é importante para sentir-se pertencente socialmente. Mulheres e jovens negras se juntam, constroem narrativas orientadas para um projeto de transformação social que se contrapõe aos discursos estigmatizados da mídia tradicional e contribuem para a formação de representações sociais positivas da população negra (ABREU, 2018).

As plataformas digitais, para as mulheres negras, tornaram-se grandes aliadas, afirmando esses espaços como um ato de resistência, coexistência e empoderamento, em que mulheres e meninas negras são donas da sua própria jornada, além de ser um local de atividade, de ação e de subjetividade, como afirma Dayana Souza (2018). Ter mulheres negras espalhando conhecimentos, representa o desejo de serem plurais, e isso faz com que as gerações seguintes sejam mais fortes, se amem, se assumam e se fortaleçam, porque fortalecer é identidade, é se formar enquanto mulheres negras, enquanto jovens negras.

4.1 YouTube como estratégia

A plataforma de vídeos *YouTube* foi criada pelos ex-funcionários do site PayPal Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, com lançamento oficial em junho de 2005. O YouTube era um entre os vários serviços concorrentes que tentavam eliminar as barreiras técnicas para maior compartilhamento de vídeos na internet (BURGESS e GREEN, 2009, p.17). Desde sua criação é liberado fazer *upload* de vídeos, sem restrição de quantidade enviada por cada usuário na plataforma. Entre as facilidades do site, é possível se conectar com outros usuários, além de gerar links dos vídeos para compartilhamento em outras redes sociais, que na época de lançamento foi um diferencial do website. Segundo Burgess e Green (2009, p. 21), “como empresa de mídia, o *YouTube* é uma plataforma e um agregador de conteúdo, embora não seja uma produtora do conteúdo em si.”

O *YouTube* é utilizado de diversas maneiras por seus consumidores, sendo

uma plataforma de acesso à cultura e informação, além de permitir que seus consumidores também sejam os próprios produtores de conteúdo. A plataforma ajudou a renovar os meios de comunicação, seja na divulgação de cultura e gerador de conhecimento, ou atuando como um agente de transições econômicas e culturais, trazendo um espaço mais democrático que a mídia tradicional.

O YouTube e todos os portais de vídeo on-line que o seguiram transformaram definitivamente a nossa maneira de absorver conteúdo. O momento agora não é de aguardar o próximo YouTube, Twitter ou Facebook, mas de descobrir o que essas ferramentas farão daqui para a frente e o que poderemos fazer com elas. (BURGESS e GREEN, 2009, p. 9).

Visto isso, a rede social *YouTube* tornou-se um local de representatividade para as mulheres negras, como falado por Beatriz Almeida em *A convergência midiática como ferramenta na reconstrução da autoestima da mulher negra*

Diante da falta de representações ou a presença apenas em lugares estereotipados e como figuras negativas, as mulheres negras migraram sua busca por conteúdo personalizado para o YouTube, tirando o foco dos meios tradicionais como a televisão (ALMEIDA, 2018, p. 3).

Na plataforma, as *youtubers* negras foram pioneiras em expor e discutir assuntos que até então eram ignorados pelas mídias hegemônicas. Pautas como autocuidado, saúde da mulher negra, estética, colorismo, permitem um processo formativo baseado em seus relatos pessoais e na construção de histórias sobre a formação de identidade das mulheres negras. Trazem também outra visão empregatícia para a população negra, a fim de cumprir um papel social de reparação do processo de invisibilidade a partir de uma possibilidade mais expansiva na construção identitária, mostrando questões relacionadas ao negro diferente de sofrimento e racismo (ALMEIDA, 2018). As narrativas construídas por essas mulheres se formam da relação entre o sujeito e o seu contexto histórico. O vídeo que será analisado neste trabalho, *Estética é menos importante?*, da *youtuber* Gabriela Oliveira, trata justamente dessa representatividade e, da importância de ter figuras levando e trazendo essas mensagens, ocupando os espaços, dentro e fora da internet.

Vale destacar que apesar das narrativas produzidas pelas *youtubers* se basearem em experiências próprias, buscam, também, outras fontes como jornais,

artigos, livros, para analisarem suas vivências como mulheres negras, que também servem de indicações para as suas seguidoras.

Isso revela que através do fluxo digital em rede elas acessam e compartilham conhecimentos e significam as suas experiências de vida, base fundamental das suas narrativas. O digital em rede proporciona para essas mulheres espaços de reflexão e autoria acerca das suas condições sociais e históricas, nos quais o conhecimento científico não é o único mobilizador de reflexões ou de produção de narrativas (PAZ, 2019, p.34).

A estética da mulher negra é uma das características principais na construção da sua identidade. Com o padrão europeu de beleza, houve um silenciamento e uma tendência a ver o negro como feio (SOUZA, 2018), mas a inserção de mulheres negras nas mídias digitais colaboram para mudar esse discurso.

Falar sobre si mesma, seus traços, seus desafios e sua beleza é parte importante para sentir-se pertencente socialmente. Além disso, é um ato de resistência, como em um jogo de coexistência e empoderamento de sua própria jornada, no qual a narrativa, de fato, é um local de atividade, de ação e de subjetividades (SOUZA, 2018, p. 102).

A internet proporciona a expansão dessas falas e pode fortalecer o empoderamento feminino, além de ser um canal que pode ajudar na busca do autoconhecimento. O *Youtube*, em especial, pode auxiliar nesse processo, ampliando os discursos e ajudando na descoberta de mulheres negras enquanto ser humano e no ativismo.

Ter *youtubers* como Gabriela Oliveira, Nataly Neri, Ana Paula Xongani fazendo história nos meios digitais, dá voz para toda uma sociedade que foi silenciada desde a escravidão. Essas mulheres negras sendo reconhecidas por falar sobre assuntos nunca antes pautados em primeira pessoa na comunicação brasileira, tendo a negritude atrelada ao conhecimento, é revolucionário (ALMEIDA, 2018). Os novos meios de comunicação podem ajudar as mulheres a reconhecerem seu espaço, local de fala, o racismo e o sexismo e a mostrarem que não são submissas ao sistema conservador.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O propósito de um trabalho científico não é de obter a verdade absoluta, visto que o intuito no meio científico é aperfeiçoar sempre. Logo, para a realização deste

trabalho será adotada a análise de conteúdo como metodologia, apesar de ser um tema tratado por diversos autores, neste trabalho serão utilizados os conceitos explorados por Laurence Bardin, expostos no livro *Análise de Conteúdo* (1977).

Para a autora a análise de conteúdo possui duas funções:

- uma função heurística: a análise de conteúdo enriquece a tentativa exploratória, aumenta a propensão à descoberta. É a análise de conteúdo para "ver o que dá"..

- uma função de "administração da prova". Hipóteses sob a forma de questões ou de afirmações provisórias servindo de diretrizes, apelarão para o método de análise sistemática para serem verificados no sentido de uma confirmação ou de uma informação. É a análise de conteúdo para "servir de prova" (BARDIN, 1977, p. 30).

Segundo Bardin (1997), essas duas funções da análise podem existir de forma complementar, quando o pesquisador busca explorar mensagens em que faltam a problemática, ou são pouco investigadas, aumentando a percepção sobre o objeto estudado e as técnicas que serão utilizadas, acrescentando novas formas de interpretação para a pesquisa. A autora conceitua a análise de discurso como:

um método muito empírico, dependente do tipo de fala que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo. (...) é um conjunto de técnicas de análise das comunicações (BARDIN, 1977, p. 30-31).

Dessa forma, por examinar um conjunto de técnicas da comunicação, as mídias digitais podem ser um exemplo pertinente de analisar os novos modelos de comunicação. A análise de conteúdo permite ir além da teoria, pois é possível explorar o universo como um todo no qual o objeto de estudo está inserido.

Para a Análise de Conteúdo, é necessário categorizar as mensagens, para que seja possível dar atenção necessária para cada etapa e, assim, atingir o objetivo final. Segundo Bardin, a análise de conteúdo é

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 52).

Ressaltamos que, para essa pesquisa, será analisado o conteúdo do vídeo **Estética é menos importante?** do canal DePretas de Gabi Oliveira, na plataforma *YouTube*. Apesar de ser um conteúdo digital e focado em apenas um vídeo, foi

preciso fazer um contexto histórico, feito nos capítulos anteriores deste trabalho, até chegar na metodologia para saber a importância do tema do vídeo supracitado. Além de analisar se a *youtuber* Gabriela Oliveira tem potencial para ser uma figura representativa.

Nesse sentido, para que uma mensagem possa ser passada, é necessário que haja no mínimo um emissor e um receptor, assim, estabelecendo a comunicação entre eles. Dessa maneira, a mensagem não se restringe somente ao público desejado. Portanto, por meio da descrição detalhada do conteúdo do vídeo, será possível analisar as condições de produção e recepção da mensagem, como falado por Bardin (1977).

Para realização do trabalho *a priori*, será feita uma apresentação do canal DePretas por Gabi Oliveira, presente no YouTube. Em seguida será feita uma descrição detalhada do vídeo **Estética é menos importante?** categorizando os elementos contidos nele, quantos comentários, visualizações e curtidas possui e o porquê da produção do vídeo. Também será abordado a relação do vídeo com o autocuidado em mulheres negras. Os dados levantados serão importantes para realizar as inferências sobre o conteúdo abordado. Sendo essas: qual a relação do vídeo com o autocuidado em mulheres negras? Qual a importância de falar sobre o tema? A *youtuber* é representativa?

A metodologia proposta por Laurence Bardin é fundamental nesse trabalho, pois, para analisar a adequação do tema abordado por Gabriela Oliveira em seu vídeo, é preciso encontrar em sua linguagem a presença de elementos relacionados ao autocuidado, para que a pergunta proposta possa ou não ser respondida.

Para a primeira etapa de análise, foi feita uma revisão teórica sobre feminismo negro no país, presente no primeiro capítulo deste trabalho, *Feminismo Negro no Brasil*. Já no segundo capítulo, *Transição Capilar como Forma de Identidade*, fizemos uma pesquisa sobre como surgiu o movimento da transição capilar, que foi impulsionado pelo feminismo negro. O processo de transição capilar faz parte do autocuidado, podendo ser o primeiro passo para a construção da autoestima das mulheres negras, assim, abordamos esse assunto no terceiro capítulo do trabalho, *Autocuidado e as Mulheres Negras*. Para o quarto capítulo, *Mulheres Negras e as Mídias Digitais*, estudamos como as mulheres negras se

inseriram nos meios digitais e o porquê de utilizarem as plataformas como estratégia, principalmente o YouTube, até chegarmos na análise de conteúdo si.

Na segunda etapa da pesquisa, foi definido o objeto de pesquisa: o vídeo **Estética é Menos Importante?** do canal DePretas por Gabi Oliveira. Contudo, o vídeo da *youtuber* não foi a primeira opção. No início dos estudos foi feito um pré-teste com o canal Ana Paula Xongani²², também presente na plataforma YouTube, porém os resultados obtidos não foram adequados. Por esse motivo, optamos por mudar o canal e analisarmos somente um vídeo. Que faz parte do próximo capítulo.

6. CANAL DEPRETAS POR GABI OLIVEIRA

6.1 Origem do Canal

Gabriela Oliveira tem 27 anos, é formada em Comunicação Social pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), e se declara mulher negra retinta. Desde 2015 trabalha com internet, possui mais de 800 mil seguidores em suas redes sociais. Atualmente, Gabi colabora com a campanha *Ela Decide* da ONU Brasil.

O canal DePretas²³ foi criado em 19 de julho de 2015, possui 459 mil inscritos e conta mais de 15 milhões de visualizações²⁴. O DePretas foi um dos canais escolhidos para participar do programa da Google, *Creators For Change*. A *youtuber* foi vencedora do concurso YouTube Nextup realizado pelo YouTube. Gabi é a atual embaixadora da marca Seda, além de estar na lista de mulheres inspiradora da organização Think Olga. Em sua caminhada, Gabriela Oliveira teve a oportunidade de palestrar no Brazil Conference na Universidade de Harvard no Estado Unidos; no evento de criatividade e inovação da América Latina, Rio2C; e também no TEDx em 2017 e 2018.

No canal, Gabi aborda temas como estética da mulher negra, relações étnico-raciais, racismo, empoderamento, com uma linguagem que facilita o entendimento do conteúdo, como pontua Laurence Bardin. A *youtuber* se preocupa

²² O canal da *youtuber* pode ser acessado por meio do endereço: <<http://abre.ai/avtuh>>. Acesso em: 16 nov. 2019..

²³ Disponível em: <<http://abre.ai/avtv>>. Acesso em: 20 out. 2019.

²⁴ Até o dia 05 de novembro de 2019 o canal contava com 15.645.249 visualizações.

com a construção da identidade da mulher negra e usa a mídia como um agente para construir novas narrativas.

6.2 Estética é menos importante?

O vídeo **Estética é menos importante?** foi feito em parceria com a marca de produtos de cabelo Seda como parte da campanha #JuntasArrasamos que tem o propósito de incentivar mulheres a irem mais longe. Postado no dia 22 de novembro de 2017, o vídeo conta com 15.208 visualizações, três mil curtidas e 272 comentários²⁵.

Logo no início do vídeo, Gabi chama seus seguidores e suas seguidoras para um papo sério. Em seguida já introduz o assunto estética, pois segundo ela muitas vezes é criticada por abordar esse assunto e, também beleza negra no canal.

Apesar de Laurence Bardin em seu livro utilizar questões voltadas para as mídias impressas, devemos considerar os novos meios de comunicação e as adaptações das linguagens para esses meios que surgiram com os avanços tecnológicos. A análise da linguagem feita do vídeo é importante para a compreensão do diálogo entre o emissor e seus receptores, assim podemos identificar a adaptação do assunto para o público desejado. A maneira como a linguagem é utilizada determina o público que se pretende atingir. O modo como Gabi Oliveira usa a linguagem para se comunicar é pode ser adequada para passar a mensagem e ser compreendida por seus seguidores.

A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos, tem que ser reinventada a cada momento, exceto para usos simples e generalizados, como é o caso do escrutínio próximo da decodificação e de respostas a perguntas abertas de questionários cujo conteúdo é avaliado rapidamente por temas (Bardin, 1977, p. 30-31).

Ainda nos primeiros segundos do vídeo, Gabriela fala que as pessoas costumam categorizar o assunto estética como menos importante, inútil e fútil mas, completa dizendo que até entende, pois, a sociedade sempre induz a consumir mais e mais. Porém, com o histórico de exclusão das mulheres negras a *youtuber* diz que é essencial falar sobre o assunto.

A forma objetiva de se comunicar da *youtuber*, deixa evidente sua intenção

²⁵ Até o dia 05 de novembro de 2019.

com o conteúdo do vídeo logo nos primeiros 0'33 segundos de fala, esclarecendo a importância de se falar sobre estética. O uso da linguagem informal e sucinta permite que o seu público entenda qual será o conteúdo do vídeo, podendo ser compreendido também por pessoas que são leigas no assunto.

Em seguida, Gabi afirma que as mulheres negras passaram anos sem entender as próprias características, além de serem totalmente negligenciadas e mal representadas pelas mídias tradicionais. Portanto, esse processo fez com que a autoestima dessas mulheres nem chegasse a ser construída. Por isso a *youtuber* acha necessário que mulheres negras falem sobre tudo o que está ligado a elas, inclusive beleza estética. Gabriela faz uma observação importante: se, no ano de 2017, falasse para os seus seguidores a palavra “beleza”, muitos deles poderiam imaginar uma mulher negra. Entretanto, alguns, nos anos anteriores a data do vídeo, isso seria praticamente impossível, porque a imagem da mulher negra era associada a coisas ruins, “mulher feia”, “cabelo duro”.

No séc. XXI, principalmente entre os anos 2012 e 2019, por se falar de estética, especialmente por meio da transição capilar, o imaginário das pessoas parece ter mudado. Esse movimento tem contribuído para a construção da autoestima das mulheres negras, por estamos em um processo de quebra de padrão e de autocuidado, segundo Gabi. A fala da *youtuber* nesse momento, é essencial para compreendermos a relevância do vídeo como incentivo a outras mulheres negras, pois na sequência, Gabriela afirma que isso faz com que várias mulheres estejam no processo de estruturar sua autoestima ou reestruturar: *“normalmente é estruturar né, gente?! porque a gente sabe que a maioria de nós tinha a autoestima lá embaixo ou nem tinha autoestima, então a gente tá construindo isso juntas.”* Apesar de não conhecer todas e todos seus seguidores, a fala de Gabi permite que o seu público crie um vínculo, não somente com o conteúdo da mensagem, mas também com a *youtuber* em si, pois mostra que as mulheres negras não estão sozinhas, portanto, uma rede é formada mesmo que virtualmente.

Gabriela Oliveira comenta que por meio de uma pesquisa que fez na Universidade sobre o papel das redes sociais na valorização da estética da mulher negra, a fez perceber que a construção da autoestima é trabalhada no coletivo, uma

apoiando a outra e criando novas referências. Nota-se aqui que o espaço midiático contribui para este processo, como afirmado por Laila Oliveira e Renata Malta em que as mídias sociais

têm contribuído para a formação de uma rede onde outras mulheres negras conseguem se enxergar e buscar meios para enfrentar esses problemas que também estão presentes nos seus cotidianos. Além disso, as narrativas, quando compartilhadas, conseguem fortalecer e estimular mulheres de todo o país a escrever suas próprias histórias (MALTA & OLIVEIRA, 2016, p.68).

O processo de construção da autoestima, relatado por Gabi, pode ter potencial para influenciar as mulheres negras nos dias atuais, mas também impacta nas gerações futuras, justamente por ter criado referências. Para a *youtuber* ter tomado consciência sobre sua beleza, sua ancestralidade e quais eram suas referências foi algo revolucionário. Gabi, se aproxima ainda mais do seu público quando pede para seus seguidores deixarem nos comentários quais são as mulheres negras que servem como referência para eles.

Gabriela vai mais além, e com foco na campanha #JuntasArrasamos, a *youtuber* lista algumas mulheres negras que quebraram padrões de beleza, e, *“fizeram história usando sua estética, mostrando como a estética pode ser sinônimo de resistência.”* Além disso, inicia sua lista com Alek Wek, modelo sudanesa que foi a primeira top model com a pele escura e traços negróides. A segunda da lista é a atriz Lupita Nyong’o, que foi eleita a mulher mais bonita do mundo em 2014. Para Lupita, a modelo Alek Wek foi referência para enxergar beleza em si mesma. Na lista ainda são citadas as modelos Chantelle Winnie, que possui vitiligo; Maria Borges que conseguiu desfilar na Victoria Secrets Show com seus cabelos naturalmente crespos; Ruth de Souza, que foi a primeira protagonista negra em uma telenovela brasileira; Glória Maria, que foi a primeira repórter negra da tv brasileira; e a atriz Taís Araújo que se tornou símbolo de beleza. Gabriela ainda menciona Quenn Latifah e Gabourey Sidibe que são duas mulheres negras e gordas em uma indústria gordofóbica como a de Hollywood. E por fim cita Laverne Cox, sendo uma das mulheres trans com maior destaque no mundo, e a cantora Mart’nalía, que, não performa feminilidade.

Ao final do vídeo Gabriela deixa um alerta: “quanto menos uma estética é vista e valorizada, maior é o nível da exclusão. Por isso, eu insisto que precisamos

falar sobre a nossa beleza estética e mostrar como ela pode ser representada de várias formas. Se isso não é um ato político e de resistência, eu não sei o que é.”

Portanto, devemos observar a relação do conteúdo do vídeo com o autocuidado em mulheres negras. A forma como a *youtuber* utiliza a rede social é a mais adequada para abordar o assunto que até a segunda década do século XXI foi ignorada pela sociedade? Laila Oliveira e Renata Malta apontam a relevância do uso das redes sociais para propagação de mensagem

as redes sociais são uma ferramenta importante para que indivíduos e grupos possam atuar como agentes de transformação. (...) Logo, ao reafirmar a estética negra e valorizar os traços e o cabelo natural, dessas mulheres negras contribuem para a quebra da lógica do embranquecimento. (...) proporcionando que elas se conheçam e possam narrar e refletir sobre as formas de opressão que as assolam, a exemplo do racismo e machismo, dentro das mais diversas realidades e gerações (MALTA & OLIVEIRA, 2016, p. 61-62).

Devemos concluir, portanto, que apesar do discurso de Gabi prevalecer na plataforma YouTube, ele se faz presente fora dela também, pois, a *youtuber* tem potencial para atuar como agente de transformação, fazendo com que quem a assista divulgue a mensagem, criando novas redes de apoio. Portanto, utilizar os meios digitais não diminui a importância do assunto autocuidado, pelo contrário, a internet facilita a transmissão de informação, tornando-a mais acessível e atrativa para o seu público.

Assim, temos a pergunta deste trabalho: é possível afirmar que o vídeo **Estética é Menos Importante?** contribui com a pauta autocuidado em mulheres negras? Gabriela Oliveira, pode ser considerada representativa a partir deste vídeo? Diante do exposto pela *youtuber* em seu vídeo, podemos dizer que a importância de seu discurso está pautada na aceitação de mulheres negras com a sua estética e com a prática de amor interior. Gabriela mostra que isso também é autocuidado.

As mulheres negras, além de serem mal representadas pelas mídias tradicionais, tiveram sua cor, cabelos e traços físicos ridicularizados. Por isso, o tema estética é relevante quando se trata de autocuidado. Falar sobre o assunto, quebra o padrão de beleza branco que foi construído no imaginário da população brasileira e o mais importante, pode ensinar as mulheres negras a se amarem como são. Assim proposto por bell hooks, que o amor interior cura as feridas deixadas

pelo racismo e pelo sexismo. A autora coloca amor interior e não próprio, porque o ato rompe a lógica de autocuidado individual, já que as mulheres negras e sua estética não estiveram inseridas nesse processo. Gabi, em seu vídeo afirma que a construção de autoestima é feita no coletivo, lembrando que a autoestima também é um processo do autocuidado.

Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim, poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura.” (HOOKS, 2000, p.198).

A abordagem feita por Gabriela em seu vídeo é necessária para que mulheres negras tenham consciência sobre o autocuidado e busquem referências que as ajudem nesse processo. E ressalta que a estética não é um assunto banal, pois, conhecer a história de seus ancestrais e aceitar a própria beleza é algo revolucionário.

O incentivo que a *youtuber* dá para o autocuidado em mulheres negras é, assim, o problema e a solução sobre o porquê de falar sobre estética. Ao relatar sua própria história, Gabi não invisibiliza outras mulheres, mas, possibilita que elas se vejam de uma outra forma e no coletivo o autocuidado seja construído.

Por meio do material audiovisual, a *youtuber* encontrou uma forma mais objetiva de ser ouvida, por usar uma linguagem que transmite seus ideais, que possibilita passar uma mensagem clara ao público, como destaca Laurence Bardin

O discurso está situado e determinado não só pelo referente como pela posição do emissor nas relações de força e também pela sua relação com o receptor. O emissor e o receptor do discurso correspondem a lugares determinados na estrutura de uma formação social. (BARDIN, 1977, p. 214).

Portanto, a abordagem feita por Gabriela Oliveira cria um discurso contra-hegemônico sobre a estética negra. Assim, podemos considerar o conteúdo falado pela *youtuber*, relevante sob a ótica do autocuidado em mulheres negras, utilizando-a como referência sem o receio de equívoco. Pois, o autocuidado também é uma forma de resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo geral: analisar qual a importância de se falar sobre autocuidado a partir do canal de Gabi Oliveira no YouTube. E como objetivos específicos: verificar a importância de mulheres negras nas mídias digitais; compreender como as mulheres negras se inserem no *YouTube*; e analisar o conteúdo do vídeo **Estética é menos importante?** da *youtuber*, com o propósito de verificar se a sua temática estaria ou não contribuindo para o autocuidado em mulheres negras. Para tanto, recorremos a um quadro teórico em torno dos conceitos de feminismo negro, transição capilar, autocuidado, mídias digitais e YouTube. Para os procedimentos metodológicos, selecionamos o vídeo **Estética é menos importante?** e utilizamos a técnica de análise de conteúdo para realizar. Em virtude das limitações de tempo e por se tratar de um trabalho final de graduação, optamos por analisar somente um vídeo e deixar como próximos passos a análise dos comentários do vídeo além de analisar outros vídeos da Gabi Oliveira e até outros canais presente no *YouTube* verificando se há outras figuras que podem ser consideradas representativas. Os resultados do trabalho nos mostrou que tanto o vídeo escolhido, quanto Gabriela Oliveira tem potencial para influenciar meninas e mulheres negras que estão em processo de construção de autoestima e redescobrimiento da própria identidade, por meio do autocuidado.

O Brasil ainda é um país muito novo em relação a abolição da escravidão, são apenas 130 de anos de liberdade formal da população negra. As mulheres negras ainda sentem na pele as marcas deixadas pela escravidão, enfrentando diariamente o racismo, machismo e o sexismo.

Desde então, essas mulheres têm formado redes de apoio para combater esses problemas e serem ouvidas. O feminismo negro tem papel fundamental nessa luta, colocando as mulheres negras como sujeitos políticos, pois, vivemos em uma sociedade desigual, que ainda tem o padrão europeu como o belo e correto. As mídias tradicionais, com o seu poder de influência é uma das responsáveis por essa construção de padrão no imaginário da população e os estereótipos acerca dos corpos das mulheres negras. Contudo, o cenário midiático tem mudado com as novas formas de comunicação provocadas pelas novas tecnologias digitais. As

mídias alternativas podem ser um espaço para essas mulheres se expressarem e serem vistas.

Portanto, este trabalho nos leva a concluir que por meio das redes sociais, as mulheres negras encontraram um local, mesmo *online*, para debates, troca de informações, experiências e construção, como o movimento da transição capilar, que se espalhou pela internet e a partir disso, diversas meninas e mulheres negras se libertaram das pressões estéticas acerca de seus cabelos, se livrando de todas as químicas, dando uma chance aos cabelos naturais e, mostrando que autocuidado se faz presente nesse processo de redescoberta.

A plataforma *YouTube* é um dos principais canais de propagação de discurso no meio digital. Com acesso livre e gratuito, a rede se mostra democrática e acessível. Por meio da rede social Gabi encontrou uma forma de falar sobre assuntos da população negra, que até então eram ignorados pelas mídias hegemônicas, como a por exemplo: a estética.

Gabriela Oliveira, usa a linguagem audiovisual para explicar o porquê de se falar sobre estética negra e, que este tema não é fútil, pois, contribui para o autocuidado e principalmente para luta anti-racista. Visto que esse assunto sempre foi, e ainda é tratado com descaso pelas mídias tradicionais. Assim sendo, o discurso de Gabi, serve para observarmos a construção de uma nova pessoa representativa, que exalta a beleza negra e ensina as mulheres a se amarem.

Podemos concluir portanto, que o vídeo **Estética é Menos Importante?** não foi apenas para compartilhar uma história da *youtube*, mas também para mostrar a importância de valorizar a própria beleza, que isso faz parte da construção da autoestima e vai além, mostrando que o autocuidado merece atenção. O vídeo, portanto, colaborou com a pauta autocuidado em mulheres negras e a *youtuber* Gabriela Oliveira, tem potencial para ser uma figura representativa, que apesar de estar sendo vista por uma tela, pode empoderar e incentivar as mulheres negras, mostrando que elas não estão sozinhas nesse processo, o coletivo se faz presente, porque se cuidar, se prevalecer é um ato de resistência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Beatriz. A convergência midiática como ferramenta na reconstrução da autoestima da mulher negra. **Iniciacom**, v. 7, n. 1, 2018. Disponível em: <<http://abre.ai/avrj>>. Acesso em: 27 out. 2019.

AZARIAS, Emily Almeida. **Kurialuka Webdocumentário sobre o autocuidado entre mulheres negras**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Comunicação Social) - Universidade de Brasília. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://abre.ai/avrj>>. Acesso em: 11 out. 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRETO, Raquel de Andrade. **Enegrecendo o Feminismo ou Feminizando a Raça: Narrativas de Libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez**. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) - Departamento de História, PUC - Rio. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://abre.ai/avrj>>. Acesso em: 7 mai. 2019.

BARROS, Maria Luisa M. S. **Empretou a comunicação: a internet sendo espaço de resistência negra**. In: V Encontro Nordeste de História da Mídia, Recife, 2018.

BORGES, Caroline Amanda Lopez. (s.d.). **AUTOCUIDADO da MULHER NEGRA - Canal Preto**. Disponível em: <<http://abre.ai/avrj>>. Acesso em: 25 out. 2019.

BURGESS, Jean. GREEN, Joshua.. **Youtube e a Revolução Digital**. São Paulo: Aleph, 2009.

CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. **Revista Estudos Feministas**, v.22 n. 3, p. 965-986, 2014. Disponível em: <<http://abre.ai/avrj>>. Acesso em: 22 out. 2019.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COSTA Hallana Moreira R.; MOURA, Dione Oliveira. Mulheres jornalistas e o “teto de vidro gênero/raça/classe” a tensionar a carreira das jornalistas negras brasileiras. In: AGUIAR, Leonel *et al.* (Org). **Desigualdades, Relações de Gênero e Estudos de Jornalismo**. São Paulo, 2018, p. 193-204. Disponível em: <<http://abre.ai/avrj>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio**. Curitiba: Positivo, 2016.

FIGUEIREDO, Angela. Cabelo, cabeleira, cabeluda e descabelada: Identidade, Consumo e Manipulação da Aparência entre os Negros Brasileiros. **Anais... XXVI Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais**, Caxambu, 2002.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.

GESSER, Roselita; COSTA, Cléber L. J. Menina Mulher Negra: Construção de identidade e o conflito diante de uma sociedade que não a representa. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 26, n. 1, p. 18-30, 2018. Disponível em: <<http://abre.ai/avrq>>. Acesso em: 15 mai. de 2019.

GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulher e escrava**: Uma Introdução ao Estudo da Mulher Negra no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes. 1988.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e Cabelo Como Símbolos da Identidade Negra**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GOMES, Larisse Louise Pontes. **Entre *big chops* e *black powers*: identidade, raça e subjetividade em/na “transição”**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Antropologia) - Universidade Federal de Alagoas e Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore. Alagoas, 2014. Disponível em: <<http://abre.ai/avrs>>. Acesso em: 30 mai. 2019.

GONZALEZ, Lélia, A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: RODRIGUES, Carla; RAMOS, Tânia; BORGES, Luciana (Org.). **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro: Funarte, 2017. (Coleção Ensaios brasileiros contemporâneos).

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2016.

HOOKS, bell. **Feminist theory: from margin center**. Cambridge MA: South End Press, 1984.

HOOKS, bell. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. (orgs.). **O livro da saúde das mulheres negras. Nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro: Pallas: Criola, 2000, p. 188-198.

INOCÊNCIO, Nelson Olokofá. Corpo negro na cultura visual brasileira. **Educação Africanidades Brasil**. v.1, Brasília: CEAD, 2006. Disponível em: <encurtador.com.br/gIKV3>. Acesso em: 8 dez. 2019.

LEACH, Edmund. Cabelo mágico. In: DA MATTA, R. Leach (Org.). **Edmund Leach**. São Paulo: Ática, 1987. p. 139-169. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

LEAL, Isabela Albuquerque. **O Movimento Feminista Negro no Brasil e as Contribuições de Davis, Walker, Hooks e Adichie na Busca Pela Igualdade das Mulheres Negras**. Trabalho de Conclusão de curso (Bacharel em Relações internacionais) - Centro Universitário de Curitiba. Curitiba, 2018. Disponível em: <<http://abre.ai/avru>>. Acesso em: 2 mai. 2019.

Livros e textos de Lélia Gonzalez. **Geledés - Instituto da Mulher Negra**, 2015. Disponível em: <<http://abre.ai/avrv>>. Acesso em: 20 out. 2019.

MALTA, Renata Barreto; OLIVEIRA, Laila T. B. De. Enegrecendo as Redes: O Ativismo de Mulheres Negras No Espaço Virtual. **Gênero**, Niterói, v. 16, n. 2, p. 55-69, 2016. Disponível em: <<http://abre.ai/avrC>>. Acesso em: 4 jun. 2019.

MATOS, Edila Maria dos Santos. **Cachear e Encrespar: moda ou resistência? Um estudo sobre a construção identitária do cabelo afrodescendente em blogs**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Comunicação Social) - Universidade de Brasília. Brasília, 2015. Disponível em: <<http://abre.ai/avrD>>. Acesso em: 30 mai. de 2019.

MATOS, Lídia de Oliveira. “Não é só cabelo, é também identidade”: Transição capilar, luta política e construções de sentido em torno do cabelo afro. **Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia**, João Pessoa, 2016.

MATOS, Lídia de Oliveira. Transição capilar como movimento estético e político. **Anais do I Seminário Nacional de Sergipe**, Sergipe, 2016, p. 845-858. Disponível em: <<http://abre.ai/avrA>>. Acesso em: 7 jun. 2019.

MOREIRA, Núbia R. **O Feminismo Negro Brasileiro: um estudo do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro e São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Sociologia, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007. Disponível em: <<http://abre.ai/avrB>>. Acesso em: 6 mai. 2019.

MOURA, Dione Oliveira. Plano de metas para a integração social, racial e étnica na UnB. Relato da comissão de implementação. In: BERNARDINO, J. & GALDINO, D. (Orgs.). **Levando a raça a sério: ação afirmativa e universidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora Ltda, 2004.

MOURA, Dione Oliveira. FIGUEIREDO, Verônica. NUNES, Juliana. Mídias sociais como plataformas contra o excesso de esquecimento coletivo. In: MOURA, Dione Oliveira *et al.* (Org). **Jornalismo e Literatura: aventuras da memória**. Brasília: Centros de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, 2014, p. 187-204.

OLIVEIRA, Gabriela. (s.d.). **Primeiro vídeo do canal | Introdução | DePretas**. Disponível em: <<http://abre.ai/avrW>>. Acesso em: 17 out. 2019.

OLIVEIRA, Gabriela. (s.d.). **Estética é menos importante? | Papo DePretas**. Disponível em: <<http://abre.ai/avrX>>. Acesso em: 21 out. 2019.

OLIVEIRA, Laila Thaíse Batista de. Narrativas em rede: o feminismo negro nas redes sociais. **Anais...** do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS, Sergipe, 2016, p. 810-823.

OLIVEIRA, Thaís. Mercado que aposta em cosméticos e serviços para negras está em expansão. **Veja São Paulo**. Publicado em 07 de abril de 2018. Disponível em: <<http://abre.ai/avrY>>. Acesso em: 26 out. 2019.

PAZ, Tatiana. Narrativas audiovisuais de mulheres negras no youtube e mobilização de processos formativos. **Educação & Linguagem**, v. 22, n. 1, 2019. Disponível em: <<http://abre.ai/avrz>>. Acesso em: 30 out. 2019.

PEREIRA, Bruna C. J. “Entre luzes e som, só encontro, meu corpo, a ti”: corpo e vivências afetivo-sexuais de mulheres negras a partir da obra de Beatriz Nascimento. In: **III Simpósio Nacional sobre Democracia e Desigualdades**, Brasília, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros. Identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.

SOUZA, Dayana. Que voz é essa? Identidade e narrativa da mulher negra no Youtube. In: BUCKSTEGGE, Jaqueline *et al.* (Org). **Estudando cultura e comunicação com mídias sociais**. Brasília: BPAD, 2018. P. 97-111.

SOUZA, Neusa Santos. **Torna-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1993.